

XIX

A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

E' imprescindível não perdermos de vista os aspectos sociais da civilização moderna, para encontrarmos os falsos princípios das suas bases e o fim proximo que a espera inevitavelmente.

As corridas armamentistas e as angustiosas conversações diplomaticas destes ultimos tempos, no continente euopeu, que representa o cerebro da civilização ocidental, denotam os perigos ameaçadores da guerra. Todo o organismo social da Europa moderna repousa em bases militaristas. Da industria das armas, mais que da agricultura, e isso é lamentavel, depende a estabilidade da civilização de todo o Ocidente. Os exercitos compactos, as casas manufactureiras do canhão e da bomba explosiva, as coletividades atentas ás atividades bélicas, constituem os elementos vitais da evolução européia. Um surto de civilização dessa natureza não pode prescindir da guerra e é por essa razão que o perigo iminente da carnificina bate de novo á porta da alma humana, saturada de temores e sofrimentos.

Não bastou ao Velho Mundo a dolorosa experiência de 1914, que lhe custou trezentos bilhões de dólares e mais de trinta milhões de vidas. A guerra quer devo-

rar as derradeiras energias desses povos que não souberam edificar suas leis.

A Europa é um grande vulcão em repouso. Nos gabinetes, os estadistas se desenganam á procura de uma solução objetiva, em favor da paz internacional. Ha uma pergunta angustiosa e aflitiva em todos os corações. As mentalidades diretoras dos povos tremem ao enunciar as suas sentenças e julgamentos. Ninguém deseja arcar com as responsabilidades da última palavra.

Enquanto isso ocorre, observa-se a decadencia da civilização ocidental para orientar o pensamento do mundo.

Possibilidades do Oriente

Desde o primeiro quartel do seculo XX, após a victoria japonesa em Tsushima, multiplicam-se as possibilidades do Oriente, para onde parece transportar-se o centro evolutivo da humanidade. O Pacifico volve a revestir-se de uma vida nova. A China movimenta-se com as suas revoluções internas. Em centros remotos, como o Afganistão e a Turquia, percebe-se uma onde de renovação geral. A Russia sovietica, ha muito tempo, dirige as suas vistas para o Extremo Oriente. E' na Siberia oriental que repousam, na atualidade, as mais importantes de suas bases militares. A Nova Zelandia e a Australia são celeiros de possibilidades infinitas. A India, não obstante o dominio britanico, fornece ao planeta exemplos e doutrinas regeneradoras. Figuras proeminentes dos povos orientais são hoje acatadas em todo o mundo. A figura de Gandhi tem a sua projeção universal. As costas do Pacifico estão cheias de movimentos comerciais; nas suas margens as Republicas da America Meridional acusam uma vida nova, no plano da cultura, do progresso e do pensamento. Todos os movimentos mais importantes do orbe afiguram-se-nos, mais ou me-

nos, deslocados de novo para a Asia, onde o Japão assume o papel de orientador desse incontestavel movimento de reorganização.

O fantasma da guerra

A Europa, na actualidade, é o gigante cansado, á beira do seu tumulto. Infelizmente, o senso arraigado do militarismo envenenou-lhe os centros de fôrça. A Alemanha e a Italia superlotadas apelam para os recursos que a guerra lhes oferece. Não obstante todos os tratados e pactos em favor da tranquillidade européia, nunca, como agora, foi a paz, ali, tão vilipendiada. O Tratado de Versalhes, o Pacto de Locarno, nada mais foram que phenomenos diplomaticos da propria guerra em perspectiva. Nunca houve um proposito sincero de fraternidade e de igualdade nessas alianças. Em 1928, foi assinado o Pacto Kellog, como se fôra uma esperança para todas as nacionalidades. Entretanto, jamais, como nestes últimos anos, o armamentismo tomou tanto incremento, em todos os países do planeta. Só o França, nas suas estatisticas do ano passado, acusava uma despesa de mais de treze bilhões de francos, invertidos nos programas de sua defesa. E, atrás dos grandes vasos de guerra, das metralhadoras de pesado calibre, das granadas destruidoras, escondem-se os novos gases asfixiantes e os terribes elementos da guerra bacteriológica, que os algozes da ciência engendraram criminosamente para suplicio dos povos. O momento é de angustia justificavel. A propria Inglaterra, que nunca se encontrou tão poderosa e tão rica quanto agora, sente de perto a catástrofe; a sua missão colonizadora toca, igualmente, o fim. Ao lado dos bens que os ingleses prodigalizaram a diversas regiões do planeta, houve de sua parte um lamentavel esquecimento: — o de que cada povo tem a sua personalidade independente.

Ansia de dominio e de destruição

Diz-se que todo o Oriente se ocidentaliza na atualidade; todavia, o Oriente apenas aproveita o fruto de experiencias que hoje lhe entrega a civilização ocidental, pressentindo o sintoma de sua decadência.

O Cristianismo, deturpado na Europa, degenerado pela influenciação dos bispos romanos, não conseguiu ser o baluarte dessa civilização que, aos poucos, vai desmoronando.

As nações do Velho Mundo apenas cuidaram de dominar os outros países como seus vassallos; mas, é passada a epoca desses dominios injustificaveis. Os pretextos de expansionismo não se justificam dentro dos princípios da paz internacional e os movimentos de conquista apenas servem para enfraquecer a economia dos povos que se abandonam aos seus excessos. A Europa moderna esqueceu-se de que a Asia tem a massa consideravel de setecentos milhões de almas, como elementos de energia potencial, aguardando igualmente o instante de sua necessaria expansão; olvidou que a América é conciente, agora, de sua importancia e de suas infinitas possibilidades, prescindindo da sua tutela e dos seus estatutos e, no momento atual, o continente europeu reconhece a inefficacia de suas teorias de paz, diante da sua necessidade irrevogavel de guerra, de destruição. Integrada no conhecimento de seus falsos princípios, edificados, todos êles, na base armamentista, a civilização ocidental reconhece o seu proprio desprestígio; ha muitos anos, o virus do morticinio lhe vem solapando os alicerces, e as épocas de aflição e de crise periodicamente se repetem. A França que, em 1870, foi procurar socorro ás portas da Russia poderosa dos tsares, acossada pela Alemanha, volta-se hoje para a união pseudo-comunista de Stalin, pedindo a mesma aliança para conjurar o perigo germanico. A Grã-Bretanha observa, da sua tribuna, o movi-

mento e prepara-se para surpresas eventuais; tentando conservar seu poderio, volve á política de conciliação; todavia, a guerra é inevitavel no ambiente dessa civilização de monumentos grandiosos de ciência no plano material, mas feita de fogos fátuos no dominio da espiritualidade. Os povos, em virtude da organização de suas leis, têm necessidade da deflagração dos movimentos bélicos. Não poderão viver muito mais tempo sem êles. A destruição lhes é necessaria.

A quem caberá então o cétro da cultura, a liderança do pensamento? Sabe-o Deus.

O futuro das grandezas materiais

Dentro de alguns séculos, os colossos de Paris, de Roma e de Londres serão contemplados com o embevecimento historico das recordações ;a torre Eifel, a Abadia de Westminster serão como as ruiñas do Colisêu de Vespasiano e das construções antigas do Spalato. Os ventos tristes da noite hão de soluçar sôbre os destroços onde os homens se encontraram para se destruírem uns aos outros, em vez de se amarem como irmãos. Os raios da luz deixarão ver nas margens do Tamisa, do Tibre e do Sena, o local onde a civilização ocidental suicidou-se á mingua de conhecimentos espirituais. O imperio britânico conhecerá então, como a península ibérica, a recordação dos seus dominios e das suas conquistas. A França sentirá, como a Grécia antiga, um orgulho nobre por ter cooperado na enunciação dos direitos do homem e a Italia se lembrará melancolicamente de suas lutas.

De cada vez que os homens querem impôr-se, arbitrarios e despóticos, diante das leis divinas, ha uma fôrça misteriosa que os faz cair, dentro dos seus enganos e de suas próprias fraquezas. A impenitência da civilização moderna, corrompida de vícios e mantida nos seus maiores centros, á custa das industrias bélicas, não é diferente

do imperio babilonico que caíu, a-pesar do seu fastigio e da sua grandeza. No banquete dos povos illustres da actualidade terrestre, lêem-se as três palavras fatidicas do festim de Baltazar. Uma fôrça invisivel gravou novamente o "Mane — Thecel — Phares" na festa do mundo.

Que Deus, na sua misericordia, ampare os humildes e os justos.